

RELAÇÃO DOCENTE X DISCENTE EM SUAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

ALDEVANE DE ALMEIDA ARAÚJO

Graduanda na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do curso de Licenciatura em Filosofia no 6º semestre e pesquisadora do projeto de pesquisa intitulado “O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jiquiriçá”. E-mail: aldevanealmeida.araujo@gmail.com.

EMANOEL LUÍS ROQUE SOARES

Professor adjunto II da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, professor de filosofia da educação do Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA, líder do grupo de pesquisa NÚCLEO DE PESQUISA FILOSÓFICA: EDUCAÇÃO, EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA, linha Filosofia da Educação, doutor em Educação (2008) Universidade Federal do Ceará/FACED.
E-mail: el-soares@uol.com.br.

Introdução

A experiência adquirida através das observações do estágio obrigatório I, realizado no Colégio Estadual Pedro Calmon (CEPEC), localizado na cidade de Amargosa no estado da Bahia nas séries do 1º Ano do ensino médio, faz perceber o quanto o ato de observar é importante para a construção profissional de graduandos, possibilitando vivenciar experiências que contribuirão no contato direto da sua futura área de atuação, o sazonalamento, desperta a criticidade filosófica no estudo e reflexões, além de contribuir para a desenvoltura do estagiário.

Pode-se constatar no Art. 2 da LEI N° 11.788. Que “O estágio obrigatório visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho”. Assim analisa-se, que a escola não é apenas um lugar de aprendizagem e convivência, mas um espaço onde se forma cidadãos que tendem a transformar seus conhecimentos em melhorias futuras para o ambiente escolar. A parceria entre o estagiário e a escola implica efetivamente no aperfeiçoamento do mesmo, formando uma construção de saberes que relaciona direção, supervisores e alunos. Todos acabam obtendo uma troca de conhecimento nessa parceria, estimulando o graduando a fazer parte das melhorias educacionais que ocorre nesse espaço.

A filosofia em específico necessita de um olhar amplo, pois as dificuldades que vem enfrentando nas escolas “públicas” principalmente são diversas, desde conteúdos que não estão no currículo escolar nem no plano de aula do professor até a confusão dos alunos em não saber diferenciar filosofia de sociologia por exemplo. Precisa-se de um trabalho árduo, de parceria, seja com direção, professor e aluno ou quaisquer outros meios que se tenha necessidade de buscar. Essas parcerias são fatores importantes para o desenvolvimento do trabalho pedagógico para que a disciplina seja colocada em prática abordando conteúdos que realmente são propostos a serem ensinados em sala de aula.

A perspectiva é que o professor não seja o “ser” mecanizado que oprime a aprendizagem dos alunos e sim o “ser” que dialoga e aprende junto com eles, essa relação é um instrumento que possibilita um ensino diferenciado. O docente não pode se deter a aulas complexas, é de conhecimento que a disciplina obtém assuntos densos e que podem ser trabalhados no ensino médio com uma metodologia mais “leve” para que a atenção dos alunos seja voltada para aula, gerando um despertar filosófico a curiosidade e vontade de estudar filosofia.

É inegável que a educação brasileira passa por seus avanços e declínios no Sistema Educacional e a luta por mudança tem que ser constante, porém não é necessário ser o sujeito “julgador” que procura sempre o culpado por algo e quando não encontra um “culpado” termina acarretando todos os problemas para o sistema, mas próximo, vamos pensar que ser um profissional diferenciado que realmente se preocupe com a educação pode mudar a realidade de muitos estudantes e que sempre se pode adquirir melhorias através de atitudes.

Desenvolvimento

O homem passa por um processo de formação constante, desde sua inserção no meio escolar, familiar, social e cultural; é uma

construção que se dá desde o nascimento e lhe acompanha até o último suspiro. Essa incessante construção faz com que o ser em desenvolvimento se adapte ao “modelo” social em que vive, aprendendo a ter autonomia sobre si. A educação neste sentido tem seu destaque, pois ela é a ferramenta principal para edificação desse homem.

A filosofia tem sua total importância para formação educacional do indivíduo sendo essencial para despertar sua criticidade, escrita, retórica, etc. fundamentando-as em conceitos “diferenciados”, saindo da zona de conforto da “dominação” e passando a ser um “ser” racional, que irá se utilizar realmente da razão. A importância e função da filosofia para o desenvolvimento e criticidade racional do homem é inegável, porém no contraste que vive a educação pública brasileira se torna um dilema trabalhar com a disciplina no ensino médio. Jovens que nunca tiveram um contato direto com a filosofia de fato, e que o número de professores não licenciados na área de real formação ainda é alto o que gera uma deficiência complicada de se reverter.

Como a filosofia está sendo ensinada nas redes públicas de ensino? Esse questionamento não tem uma resposta muito diferenciada em várias regiões do país, porém irá se tratar de uma realidade que acontece na região do Vale do Jiquiriçá onde foram realizadas pesquisas sobre o ensino de filosofia com o projeto de estudo que nomeado O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jiquiriçá. Atuando nas cidades de Brejões, Mutuípe e Amargosa, este projeto procura observar aulas de filosofia, professores que lecionam e a opinião de toda comunidade escolar.

Os relatos sobre a “precariedade” da disciplina de filosofia não chega a surpreender, já que a mesma passou por um processo longo de aceitação até se retornar aos currículos escolares e enfrentar o desafio de aceitação. Das três cidades citadas acima atualmente o número de professores que lecionam filosofia e são formados na área é mínimo, observem: em Mutuípe possui 1 atuando efeti-

vamente, em Amargosa 1 porém está afastado pelo fato de estar fazendo metrado e em Brejões também 1 que está atuando em sua função. Pelo motivo dos números de professores licenciados serem tão baixos para proporção de escolas e turmas dessas cidades, o número de docentes não licenciados na disciplina exercendo a função acaba sendo alto, o que acarreta a problemas educacionais graves.

A falta de profissionais qualificados contribui para deficiência da filosofia nas escolas, o primeiro contato direto que os estudantes têm com disciplina acontece no 1º ano do ensino médio, de acordo as observações realizadas o que se percebe são alunos com dificuldades em entender o que realmente significa filosofia? E qual a necessidade de se estudar? E para que a mesma serve?

Nas observações do Estágio Obrigatório I, se pode acompanhar o ensino-aprendizagem, participação das relações entre docentes, direção e alunos, as atividades aplicadas em sala de aula, reflexões teóricas e práticas, analisando como estas informações são absorvidos pelos alunos.

Através da pesquisa realizada no Colégio Pedro Calmon, com alunos do 1º ano do ensino médio há de se considerar que o nível de aprendizagem dos mesmos é de se considerar baixa. É perceptível que eles possuem dificuldades em interpretações textuais, oratória e escrita; o que acarreta para que o ensino de filosofia seja muito prejudicado, não sendo tratado pelos estudantes como necessário para sua formação.

Essas dificuldades citadas não surgiram no ensino médio é uma herança que vêm acompanhando esses estudantes desde o ensino básico, não sendo apenas um caso isolado. O que se constata é que a forma que a filosofia é tratada nas escolas se leva a fortalecer o descaso pela disciplina, como se fosse apenas um complemento curricular. A “obscuridade” nos assuntos ensinados vem ocasionando uma confusão entre disciplinas como: sociologia, filosofia e história, graças à forma que esses docentes lecionam, há professores que se esforçam mesmo não tendo formação filosófica outros estão

apenas cumprindo carga horária sem se preocupar com a concepção dos discentes.

Foi realizado um questionário com as turmas do 1º ano do ensino médio que foram observadas durante o estágio I, onde o professor que leciona filosofia possui graduação em história, esse questionário foi distribuído para cerca de quatro alunos de cada uma das três salas analisadas, foram selecionadas as repostas que mais tiveram “destaque” já que a maioria tiveram respostas semelhantes. Vamos observar a tabela abaixo:

ALUNO	A	B	C	D
Idade	17	17	18	15
O professor é licenciado pra ensinar?	Sim	Sim	Acho que sim porque ensina muito bem.	Sim
Como você vê a importância da filosofia para sociedade?	A filosofia está presente no nosso dia-a-dia.	Não respondeu.	Interessante, pois hoje conhecemos muitos nomes de belos filósofos.	Não respondeu.
Quais as dificuldades da Disciplina?	Tudo.	Na hora de estudar.	No momento nenhuma dificuldade.	Várias.
Gosta e se interessa por filosofia?	Não.	Sim, um pouco.	Sim, uma ótima maneira de se expressar através das palavras.	Não.

Um fato que chama atenção é que os alunos não sabem a formação do professor que leciona, demonstra que eles não têm conhecimento sobre o docente à falta de diálogo entre professor e aluno não está presente no sentido de se conhecerem como educador e educando, é importante o profissional expor seu currículo e a forma que pretende trabalhar a disciplina com os estudantes e

está exposto a sugestões e possíveis mudanças no plano de aula de acordo com a sala.

As faixas etárias das turmas observadas variam de 13 a 19 anos, obtendo de 30 a 33 alunos em cada sala, o número de repetentes somam 20. Esses dados precisam ser levados em consideração já que implicam nos estudos dos discentes. Procurou-se entender o motivo do índice de repetência dos alunos e a resposta foi que muito deles trabalham e não conseguem acompanhar as aulas.

Nas três turmas o número de alunos que trabalham somam 20, eles vão assistir às aulas cansados, sem animo não estando aptos a assumirem um compromisso com os estudos e a escola. Durante o estágio houve a desistência de um aluno por não conseguir conciliar trabalho e estudos. Esses problemas não é um caso isolado, são problemas sociais que implicam na construção do ensino. No interior da Bahia essa necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas de casa está sendo mais rotineiras, já que a seca se alastra em toda região e o mercado de trabalho exige cada vez mais profissionalismo.

Esses problemas sociais devem ser levados em consideração, o professor tem que saber despertar a atenção desses alunos, utilizando de autoestima, metodologia e um trabalho pedagógico de parcerias, para assim tentar resgatar o interesse desses estudantes.

As aulas acompanhadas do professor que mesmo não sendo licenciado na disciplina de filosofia se esforça para apresentar uma aula relevante, em algumas aulas das quais foram observadas se constatou que nem sempre o lecionando havia se preparado para a mesma, porém as aulas acabavam se desenvolvendo de maneira positiva. Aplicações de debates após explicação dos assuntos surtiam efeito na participação dos docentes, tornando os assuntos mais dinâmicos.

A precariedade no ensino de filosofia é desanimador, mas é de conhecimento que quem quer ser docente e tem aptidão para isso deve estar bem preparado, pois irá conviver com grandes fatores negativos do ensino, aprendizagem. Existem respostas que são

animadoras enquanto defensores de uma educação de qualidade como dos alunos C e B (da tabela), dando a ideia que nem tudo está perdido, as outras respostas dos alunos A e D passa também uma mensagem, aliás, é a confirmação que se deve exercitar melhor a função de professor e a relação entre docente e discente.

O sistema educacional que se presenciou não chega a ser diferente de muitas regiões brasileiras, é de conhecimento que existem os PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio) e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que asseguram o direito do cidadão em obter um ensino de qualidade. São artigos e mais artigos redigidos, muito bem escritos e pensados. Porém em prática é bem diferente, a realidade vivenciada por estudantes de escola pública não se aproxima dos PCNEM nem da LDB, esses direitos são desrespeitados, já que na atual estrutura da educacional esses artigos não se cumprem. Na Lei de Diretrizes e Bases (nº 9.394, de 1996), o Artigo 35 diz:

O art. 35 estabelece como finalidades do Ensino Médio, além da preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, o seu aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (inciso III) e a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (inciso IV).

Será que quando se pensou nesse artigo foram levados em consideração os problemas que a educação brasileira carrega há séculos? Pensou-se no analfabetismo? Que ainda assola boa parte da população. Nos estudantes que trabalham? Na precariedade da formação de professores? Nas condições de trabalho dos docentes? É muito relevante fazer um currículo levando em consideração a realidade da região “sul”, onde as estruturas educacionais são bem diferentes em relação ao nordeste. Esses questionamentos são reais e necessários para analisar que é preciso mudanças.

Se o país oferecesse condições para se cumprir as questões que tratam os PCNEM e a LDB, de fato se teria uma escolarização impecável, onde alunos estariam preparados para “aprender e ensinar” e professores para “ensinar e aprender” uma troca acompanhada de oportunidades onde o dever e os direitos seriam cumpridos, mas não é essa situação que se presencia.

Anualmente são divulgados dados da entidade TPE (Todos pela Educação) sobre o desenvolvimento do ensino médio, considerando o índice e idade da formação dos alunos em todo país. A pesquisa revela que apenas 51,1% dos estudantes concluíram o ensino médio na idade adequada lembrando que a idade que eles verificam como adequada é até aos 19 anos. Esse dado foi divulgado no dia 6 de março do no corrente e se refere ao ano de 2011. Para esse período, a meta estipulada era 72,9% para o ensino fundamental e 53,6% para o ensino médio. Segundo a diretora-executiva do Todos pela Educação Priscila Cruz:

As idades que consideramos são superiores àquelas que seriam corretas [14 anos para o ensino fundamental e 17 para o ensino médio]. Com 19 anos, metade concluiu o ensino médio, o fluxo ainda tem muito a melhorar. (Entrevista concedida a Agência Brasil).

O que se visualiza são números estabelecidos a uma abrangência nacional, onde cada região obtém uma realidade diferente, para se pensar em algo tão homogêneo seria preciso um trabalho persistente que fosse capaz de focar interesses comuns e não particulares.

O capitalismo e as formas governamentais são os maiores exemplos desse interesse particulares, os centros de formação estão sendo preparados para construção de seres mecanizados, onde a função é estudar para o mercado de trabalho sendo obrigados “indiretamente” a adquirir conhecimento. Para isso tornamo-nos “decorebas”, já que devemos entender e repetir o que é de interesse do cargo que será exercido.

Seres adaptáveis e sem criticidade é interessante para o governo, para o capital, para o desenvolvimento do país, mais essa acomodação e suposição de “engendramento” não é interessante para o homem na sua formação pessoal, na utilização da razão e principalmente na busca por seus direitos e deveres. A filosofia sempre foi pisoteada e a sua retomada no currículo é de uma omissão e favorecimento desanimador primeiramente para os profissionais que vão concluir o curso ou já concluíram, posteriormente para a massa que continua subalterna ao sistema.

Conclusão

Todas as dificuldades que foram expostas durante o texto tem o intuito de mostrar claramente os problemas que afetam a educação pública brasileira, para que sirvam de mecanismos para futuros professores se dedicarem a sua função e exerce-la com persistência e dedicação.

Não se procurou defender que as atitudes dos professores devem ser aplicadas apenas quando se obtiver positividade na forma que os alunos aprenderem, muito pelo contrário tem que ser um instrumento de persistência; não é um fato de ser um profissional diferenciado que irá mudar e conseguir mudanças expressas, é um trabalho construído a cada dia com resultados positivos e negativos, que animam e desanimam, porém não se pode deixar de ser feito.

As pesquisas sobre ensino e as metas propostas a serem atingidas, revelaram a crise educacional que ainda existe no país, é inegável que houve avanços em relação a vagas em instituições públicas, faculdades e integração de cotas. Porém é inegável que a base escolar é péssima e tem que ser revista, não adianta existir vagas, formar alunos e não possuir uma base que ofereça subsídios para se trabalhar.

Finalizo esse artigo com uma total aptidão em torna-lo público, para que possa servir de estímulo para o leitor e principal-

mente para quem está trabalhando de alguma forma com a educação e lembre-se que se precisa de profissionais comprometidos com o ensino e que não está tarde para ir atrás de melhorias.

Referências Bibliográficas

Agencia Brasil de Educação, *51,1% dos estudantes concluíram o ensino médio na idade adequada*. Disponível em: <<http://agencia-brasil.abc.com.br/noticia/2013-03-06/estudo-mostra-que-511-dos-estudantes-concluíram-ensino-medio-na-idade-adequada>> acesso em 20-05-2013.

LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm> Acesso em: 10-05-2013.